MAS O QUE É ÊNFASE, AFINAL?

Rerisson Cavalcante de Araújo (UFBA)

rerissonaraujo@yahoo.com.br

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma proposta inicial de tipologia dos processos de expressividade nas línguas. Sua motivação parte da percepção da vagueza e imprecisão com que o termo *ênfase* é utilizado em trabalhos de descrição e análise de fenômenos sintáticos e semânticos. As palavras *ênfase* e *enfático* são usadas frequentemente – tanto em trabalhos formalistas quanto funcionalistas – como termos descritivos e mesmo explicativos das propriedades de expressões linguísticas. Apesar disso, o significado desses termos raramente é definido, mas dado como pressuposto, não veiculando um conceito técnico e preciso, mas simplesmente intuitivo, como salienta Schwenter (2005: 1429):

> "*... emphasis is an intuitive label that is most typically left undefined by those who employ it, though other scholars who have not worked on BP negation have in fact given principled definitions of the concept.*"[1]

O problema não seria de todo grave se, apesar da falta de definição explícita, os referentes aos quais tais termos são aplicados fossem constantes. Vide, por exemplo, o que ocorre com o termo *palavra* na morfologia, para o qual ainda não há uma definição satisfatória, mas corresponde a uma realidade identificável. Mas não é isso que ocorre com *ênfase*. Há uma quantidade variada de fenômenos heterogêneos denominados ou caracterizados por esse rótulo, sem que pareça haver uma propriedade em comum entre eles. Tal imprecisão é indesejada, pois prejudica a falseabilidade das análises.

Neste trabalho, tento contribuir para uma compreensão mais precisa do fenômeno através da comparação de diversos fatos linguísticos que recebem esse rótulo. Ao invés de propor um conceito abrangente de ênfase, o trabalho identifica quatro tipos distintos de "fenômenos expressivos", classificados com base (a) nas formas linguísticas utilizadas e (b) na função desempenhada. Quanto à forma, os recursos linguísticos envolvidos na veiculação da expressividade podem ser: (i) recursos morfossintáticos; (ii) prosódicos; (iii) léxico-semânticos e (iv) ilocucionários.

Com base na função desempenhada, esses quatro tipos podem ser agrupados em dois tipos gerais, relacionados ao nível sobre o qual a expressividade age: sintagmático e ao proposicional: (i) os dois primeiros tipos (*foco* e *destaque*) correspondem a recursos para evidenciar constituintes da sentença; (ii) já o terceiro e o quarto (*ênfase escalar* e *exclamação*), diferentemente, visam a intensificar o conteúdo proposicional da sentença.

Em seguida, discuto em mais detalhes os conceitos de ênfase escalar e exclamação de acordo com Israel (1996, 1998, 2001) e Zanuttini & Portner (2003). E demonstro que alguns fenômenos do PB (especialmente os de negação sentencial) que costumam ser descritos como enfáticos não se acomodam a nenhum dos tipos identificados, o que leva ao questionamento de sua análise em termos de ênfase.

A pesquisa se insere na interface entre sintaxe (gerativa), semântica formal e pragmática, mas também pode contribuir para a sintaxe funcionalista.

---

1 "*... ênfase é um rótulo intuitivo que geralmente é deixado sem definição por aqueles que o empregam, embora outros autores que não trabalharam com a negação no PB tenham, de fato, oferecido definições baseadas em princípios para o conceito*." (tradução minha)

2. Fenômenos enfáticos ou expressivos

Como apontei anteriormente, podemos classificar os fenômenos que recebem, na literatura, o nome de ênfase em quatro tipos, em função da forma dos recursos utilizados para a sua codificação ou expressão. São eles:

I. Recursos morfossintáticos de *ênfase* ou focalização de constituintes

Trata-se dos processos conhecidos tradicionalmente como *focalização* ou *topicalização*, que se realizam através de recursos sintáticos como movimento (por exemplo, para a periferia da sentença), clivagem ou pseudo-clivagem e mesmo a focalização através de partículas morfológicas específicas. Os três tipos são exemplificados abaixo, de (1) a (3).

(1) Focalização e topicalização por movimento[2]

a. **John**, I saw. b. **De Beatles**, eu gosto.

a. **Esse computador**, eu comprei quando (es)tava trabalhando lá na Companhia. (Gonçalves 1998: 40).

(2) Clivagem

a. It was **London** that I visited. b. É/foi **Pedro** que Maria viu.

(3) Marcação morfológica de foco

a. Léngì kàpp-ák **yé mòrdó**. (Hausa)
L. plant-PERF.F.AGR FOC millet
'It was millet that Lengi planted.' (Zimmermann 2008: 351)
(= 'Lengi plantou (foi) milho')

b. **Atuq-qa** kusi-ku-n. (Quichua)
Fox-TOP happy-REFL-3S
'As for the fox. he is happy' (Sánchez 2010: 31)
(= 'A raposa, ela está feliz')

Esses fenômenos não costumam ser diretamente denominados de *ênfase*, recebendo, na maioria dos trabalhos, o rótulo de *foco*, mas inúmeras vezes na literatura as leituras resultantes dos processos são caracterizados como enfáticas (para exemplos de tais caracterizações, cf. Casteleiro 1979; Gonçalves 1998 e 1999; Ross 2004; Pinto 2008: 7; Zimmermann 2008; Cann 1993). Um dado interessante é que na literatura sobre línguas não-indo-européias a caracterização de determinados marcadores morfológicos como enfáticos ocorre lado a lado com a caracterização de outros como focais, o que nos leva a indagar qual seria a diferença entre as duas marcações, em especial quando ocorrem simultaneamente, como em (4) e (5).

(4) João y-**ti**-ahoj-ø yn-o. (Karitiana)
J. 1-**CFO**[3]-rir-**NFUT** eu-**ENF**
'Do João, eu ri' (Storto 2008)

2 A diferença entre os fenômenos sintáticos de topicalização e focalização podem, para os propósitos deste trabalho e desta caracterização geral, ser ignorados.

3 CFO: construção de foco do objeto (não-declarativa). NFUT: tempo não-futuro. ENF: enfático.

(5) Ilé Ifón **l**-awà ti wá o. (Iorubá)
casa I. **FOC**-1pl de vir **ENF**
'Nós viemos da cidade de Ifón'. (Nogueira 2008: 97)

II. Recursos prosódicos de *ênfase* ou focalização de constituintes

Trata-se de casos em que o foco ou a ênfase é atribuída, não através de um recurso morfossintático como o deslocamento, a clivagem ou a marcação por partícula/desinência, mas apenas através de uma prosódia especial — um *stress* ou acento distintivo — em uma parte da sentença que permanece, ainda assim, *in situ*, como nos exemplos em (6).

(6) a. Eu dei UMA BOLA pro Pedro.[4] (Modesto 2001: 107)
b. I saw a grey DOG. (Not a *cat*...)
c. I saw a GREY dog. (Not a *black* one...)

À primeira vista, este poderia ser considerado apenas um subtipo do item anterior, pois muitos são os casos em que esse recurso é usado em contextos em que produz um efeito de foco, principalmente foco contrastivo, como nos exemplos acima. Há, contudo, algumas diferenças importantes entre a atribuição de *stress* e os processos de focalização (morfossintática). De um modo geral, o acento prosódico é mais permissivo do que a focalização. Em primeiro lugar, a ênfase por prosódia pode afetar mais de um item (contíguo ou não-contíguo) da sentença (cf. (7)), o que não pode ocorrer com a focalização ou clivagem.

(17) a. JOHN didn't see BILL. (MARY saw SUSAN).
b. MARY saw SUSAN (not JOHN saw BILL).
(Lasnik 1972: 87)

Em segundo lugar, o acento pode recair sobre apenas parte de um constituinte (cf. (8)), o que não está disponível para estratégias baseadas em movimento, que não podem mover parte de um item lexical.

(8) Eu disse para você <u>RE</u>tificar o documento. (não <u>RA</u>tificar).

Em terceiro lugar, esse recurso pode afetar constituintes ou itens que não podem sofrer focalização morfossintática por deslocamento ou clivagem, como verbos auxiliares, determinantes e marcadores negativos, como em (9).

(9) a. John didn't get THE result, but he got A result. (Lasnik 1972: 84)
b. Eu (já disse que) NÃO saí ontem.
c. Eu disse que VOU sair; num saí ainda.

Em quarto lugar, esse tipo de ênfase pode ser usado em contextos em que não são de focalização contrastiva, mas apenas de clarificação ou destaque de um determinado elemento. Uma sentença como (10), por exemplo, pode ser usada em um contexto em que o interlocutor já emitiu a informação, mas o fez esperando que o ouvinte se surpreendesse com ela. A falta de reação do ouvinte — talvez por não ter ouvido ou por não ter prestado atenção — pode levar à necessidade de repetir a informação com um tipo de ênfase prosódica sobre o elemento ao qual se quer dar algum destaque. Neste contexto, (20) pode ser usada (também) com uma função não-contrastiva.

---

4 Note o leitor que alguns casos de ênfase pela prosódia, como o de (6)a, podem ser considerados como resultantes de movimento para posição estruturais específicas, como no modelo de Belletti (1999, 2002) da periferia do VP, mas a possibilidade de movimento é bem mais controversa em dados como os de (6b), (6c) e de (7) a (9). Nos casos de (7), por exemplo, uma vez que se assume que o verbo não sai do *v*P/VP, não se pode considerar que o acento esteja relacionado a uma operação de movimento do complemento.

(20) Você não me ouviu direito: eu disse que eu saí COM JOANA ontem.

Para distinguir o foco por acento (ou "ênfase prosódica"), de um lado, da propriedade mais geral de ênfase e, de outro, das construções de focalização morfossintática, reservo a esse processo prosódico o rótulo de *destaque*.

A semelhança entre esse recurso de *destaque* e a *focalização* está em ambos produzirem um efeito de *evidenciar* algum elemento da sentença, o que conduz à mesma pergunta feita com relação aos fenômenos do item I, ou seja, se o *destaque* prosódico deve ser considerado um tipo específico de ênfase ou se deve ser considerado um fenômeno de tipo distinto.

III. Formas léxico-semânticas de *ênfase*

O terceiro tipo de fenômeno é produzido pela presença de determinados itens lexicais que provocam um efeito de *intensificação* no conteúdo das proposições em que ocorrem, como no contraste em (11).

(11) a. Ele num tem vergonha na cara.
b. Ele num tem *um pingo de* vergonha na cara.

Trata-se de um resultado qualitativamente distinto do efeito de evidenciar ou destacar um elemento da sentença, pois estes elementos se constituem eles mesmos algum tipo de acréscimo à versão neutra da sentença. São os casos dos itens denominados maximizadores e minimalizadores. Antes de discutir, em mais detalhes, esse fenômeno e o conceito de ênfase que ele envolve, vejamos qual o quarto tipo de fenômeno enfático encontrado na literatura.

IV. Formas ilocucionais de *ênfase*

O quarto tipo de ênfase é o de sentenças exclamativas como nos exemplos (12) abaixo. Este tipo de sentença, em geral, possui uma sintaxe específica e distinta dos outros tipos ilocucionais como declarativas, interrogativas e imperativas, como veremos adiante.

(12) a. Que dia lindo![5]
b. What a beautiful day!

Além das sentenças propriamente exclamativas, que possuem propriedades sintáticas próprias, podemos considerar como casos de ênfase por meios ilocucionários os exemplos de atribuição de uma prosódia exclamativa a sentenças de outros tipos ilocucionais, como (13).

(13) a. He's so cute!
b. Isn't he the cutest thing!
(Zanuttini & Portner 2003: 41)

Esse segundo tipo de ênfase ilocucionária (atribuição de uma prosódia exclamativa a uma sentença não-exclamativa) guarda uma relação estreita com a forma de ênfase prosódia descrita no item II. A diferença está no fato de que os casos em II se referem à atribuição de ênfase ou *stress* a um constituinte, item lexical ou mesmo parte de um item lexical específico, que o destaca em relação a outros elementos da própria sentença que não recebem o *stress*. Os casos em (13) — assim como os de (12) — envolvem uma prosódia "enfática" para toda a sentença, não destacando nenhum de seus constituintes dos demais.

As sentenças exclamativas também diferem dos fenômenos de focalização e de

5 Para um trabalho sobre sentenças exclamativas no PB, cf. Sibaldo (2009).

destaque, por não envolverem um mecanismo de pôr em evidência determinado item da sentença, mas promoverem uma intensificação do conteúdo semântico da proposição, aproximando-se dos fenômenos do item III.

Até aqui, vimos uma visão geral sobre tipos de fenômenos que são muitas vezes caracterizados como enfáticos, independentemente de um conceito explícito que abarque a todos.[6] Esse quadro geral é necessário para clarear a visão sobre os dados. Nas duas próximas subseções, discuto em mais detalhes os tipos III e IV.

3. *Ênfase* em termos de quantidade da informação

Podemos agrupar os quatro tipos de fenômenos expressivos em dois grupos maiores a depender de eles produzirem um efeito de **pôr em evidência** um determinado item da sentença ou de promoverem uma **intensificação** do conteúdo proposicional. No primeiro grupo, estão os fenômenos de focalização e os de destaque. No segundo, os fenômenos de ênfase por recursos léxico-semânticos e por recursos exclamativos. Nesta seção, concentro-me nos casos do segundo grupo, especialmente os do item III.

Recorro ao conceito formulado por Israel (1996, 1998, 2001), para tratar de um subconjunto dos itens de polaridade positiva e negativa que funcionam como elementos maximizadores e minimizadores. O autor define *ênfase* em termos informacionais, apontando que uma proposição é enfática se é mais informativa, ou seja, se excede a quantidade de informação normalmente esperada em uma enunciação (se "*it exceeds what one would normally expect to be asserted*" (Israel 1998: 47).).[7] Saliento que tal definição seria novamente vaga se o autor não formulasse um critério explícito de mensuração. Ele define, então, o grau de informatividade em termos de **predicados escalares**. Uma proposição é mais informativa quando instancia algum grau elevado em relação a uma determinada escala introduzida pela sentença.

Vejamos alguns exemplos. Israel (1996, 1998, 2001) aponta que itens de polaridade (positiva e negativa) se caracterizam por introduzir uma *escala semântica* e expressar graus acima ou abaixo da média desta escala. Dentre os itens de polaridade, há um subconjunto compostos por aqueles que funcionam como maximizadores e minimalizadores, que, por sua vez, expressam os graus extremos das escalas consideradas. Itens de polaridade positiva (PPIs) como *a heap*, *insanely* e *outrageously* expressam o grau mais elevado de uma escala de quantidade ou intensidade. Dessa forma, segundo análise de Israel (1996, 1998, 2001), sentenças como as (14), com tais expressões, são mais informativas do que suas versões sem esse PPI, em (15). Elas enunciam uma quantidade de informação acima do esperado e podem, então, ser consideradas enfáticas neste sentido. Um teste possível para a maior informatividade é que as sentenças em (14a) e (14b) acarretam sua versões em (15), sem tais expressões.

(14) a. Boy, are you in *a heap* of trouble! (Israel 1996)
b. She is *insanely* good-looking, and *outrageously* cruel. (Israel 2001)

(15) a. Boy, are you in trouble!
b. She is good-looking, and cruel.

---

6 Para uma visão mais completa do fenômeno, talvez seja necessário também considerar estratégias enfáticas que se aplicam no nível discursivo ou textual, como a repetição de palavras ou expressões ao longo de um discurso para marcar a importância e/ou chamar a atenção do leitor/interlocutor para as idéias expressas por elas. Mas tais casos envolvem claramente outro nível de análise linguística e não serão abordados aqui.

7 Vide também J. Fonseca (1985), que aponta a relação intuitiva entre *ênfase* e *expressividade*.

Em sentenças negativas, o mesmo efeito ocorre, mas de modo inverso. Itens de polaridade negativa (NPIs) não expressam o grau máximo de intensidade/quantidade de uma escala, mas o grau mais baixo, ou seja, a mínima quantidade/intensidade possível para a escala. Os minimalizadores produzem, em sentenças negativas, o efeito enfático ou intensificador correspondente aos maximizadores em sentenças afirmativas.

As sentenças em (16), com expressões como *a drop* e *a wink*, são mais informativas do que (e acarretam) suas contrapartes sem tais expressões, em (17).

(16) a. She didn't drink *a drop* of her milk. (Israel 1998)
b. Margo didn't sleep *a wink* before her big test. (Israel 1996)

(17) a. She didn't drink her milk.
b. Margo didn't sleep before her big test.

Em resumo, maximizadores em contextos afirmativos e minimizadores em contextos negativos[8] expressam conteúdos enfáticos ou mais informativos do que suas contrapartes sem tais expressões.[9]

O conceito de ênfase proposto pelo autor, evidentemente, não pode ser aplicado aos recursos do tipo I e do tipo II apresentados na seção anterior. Se esse resultado é ou não é satisfatório não depende apenas da precisão factual, mas da disposição da comunidade acadêmica em abandonar o termo "ênfase" para os tipos I e II ou mantê-lo como um termo genérico para os quatro tipos de fenômenos. Para evitar a confusão com relação ao uso genérico do termo "ênfase" e o uso específico para os processos que envolvem maximizadores e minimalizadores, utilizarei o termo *ênfase escalar* para estes últimos.[10]

Na próxima subseção, discuto, em mais detalhes, o quarto tipo de fenômeno enfático.

4. Sentenças exclamativas e escalas

Volto agora para os casos de ênfase (no sentido genérico do termo) codificada através de *meios ilocucionários*, que é o recurso de exclamação. O aspecto material mais chamativo das sentenças exclamativas é possuírem uma prosódia característica que transmite uma intuição de maior expressividade ou maior intensidade da asserção, o que tem servido muitas vezes, na tradição gramatical, para caracterizar as orações exclamativas como um tipo de sentença enfática, relacionada à expressão de emoções como surpresa, contra-expectativa, etc.[11]

A associação entre exclamação e ênfase é tão forte que o sinal exclamativo "!" é usado produtivamente na escrita para marcar uma entonação mais intensa mesmo em

---

8 A definição de ênfase proposta por Israel (1996, 1998, 2001) em relação aos itens de polaridade, em especial maximizadores e minimizadores, pode fornecer um critério importante para examinar os fenômenos ligados ao ciclo de Jespersen, que envolvem o surgimento de partículas negativas adicionais a partir de itens minimizadores, bem como um critério para julgar as hipóteses levantadas por outros trabalhos sobre a função supostamente enfática de marcadores negativos não-derivados de minimizadores, como o não pós-VP do português.

9 Talvez neste grupo possam ser incluídas as construções que Fonseca (1985) denomina de *emblemáticas*, que são os casos de sentenças comparativas como as de (i) e (ii).
(i) João é tão simpático como Pedro. (p. 223)
(ii) Pedro é (tão) alto como uma torre. (p. 230)

10 O leitor deve estar atento ao fato de que a nomenclatura escolhida não é tão importante aqui, mas sim a relação entre os tipos de fenômeno. Se a comunidade escolher utilizar *ênfase* apenas para o fenômeno do tipo III, precisamos forjar um rótulo diferente para abarcar todos os quatro tipos de fenômenos apresentados.

11 Rocha Lima (2002: 233) define a sentença exclamativa como aquela "*com a qual exteriorizamos principalmente o nosso estado de alma (admiração, repulsa, irritação, desprezo, etc.)*".

seqüências que não poderiam corresponder formalmente ao tipo exclamativo (se assumimos que ele é um tipo ilocucionário ao lado do declarativo, do imperativo e do interrogativo), como em (18).[12]

(18) a. He's so cute! (declarativa)
b. Isn't he the cutest thing! (interrogativa)
(Zanuttini & Portner 2003)
c. O quê?!

A literatura sobre as sentenças exclamativas, entretanto, descreve uma série de propriedades específicas desse tipo de oração. Elliott (1974) e Grimshaw (1979) apontam que as sentenças exclamativas são factivas (cf. também; Zanuttini & Portner 2003), ou seja, têm a sua veracidade pressuposta, como demonstra o fato de que só podem ser encaixadas quando selecionadas por predicados factivos (cf. (19)).

(19) a. How very cute he is!
b. Mary knows/*thinks/*wonders *how very cute he is*.
c. * I don't know/realize *how very cute he is*.
(Zanuttini & Portner 2003: 46-47)

Sentenças exclamativas também não podem ocorrer em pares de pergunta-resposta. Ou seja, elas não são respondíveis, como revela o contraste entre (20a) e (20b), mas também não podem elas mesmas servir de resposta a perguntas, como mostra (21).

(20) a. A: How tall is he?
B: Seven feet.

b. A: *How very tall he is!*
B: *Seven feet. / He really is! / Indeed! / No he's not!
(Zanuttini & Portner 2003: 48)

(31) A: How tall is Tony's child?
B: **How very tall he is!*
(Zanuttini & Portner 2003: 48)

Zanuttini & Portner (2003) também apontam que uma das principais características das exclamativas é introduzir implicaturas escalares. Segundo eles, a intuição sobre a maior expressividade, que geralmente associamos às exclamativas, vem do fato de tal tipo de sentença introduzir uma implicatura escalar e expressar um grau extremo da escala. Sentenças como (19a) e (20b), por exemplo, introduzem uma escala de "*cuteness*" e de "*tallness*" e afirmam que o sujeito está em um ponto elevado desta escala. Tais escalas são introduzidas pelos elementos QU (modificadores do adjetivo/nome).

Assumindo essa perspectiva, as sentenças exclamativas seriam semelhantes aos casos de ênfase por maximizadores e minimalizadores, pois também envolveriam a expressão de graus extremos dentre de uma implicatura escalar. Qual seria, então, a diferença entre as sentenças (declarativas, interrogativas e imperativas) como maximizadores e minimalizadores, como (14) e (16), e as sentenças exclamativas como (19a) e (20b)?

Além do fato de que as sentenças enfáticas comuns poderem ser encaixadas em predicados não-factivos (cf. (22)) e de poderem ocorrer em pares de pergunta-resposta, as exclamativas parecem atualizar a implicatura escalar de modo distinto.

12 Vide também o fato de que as interjeições costumam ser marcadas pelo sinal de exclamação.

(22) a. She didn't know/realize *I only slept a wink*.
b. Eu lamento que *ele não tenha um pingo de vergonha na cara*.

Zanuttini & Portner (2003) propõem que o que caracteriza as exclamativas é a atuação da operação que denominam de *widening*. Elas não apenas expressam uma implicatura escalar, mas a *ampliação do domínio* de uma escala. Isto é, não expressam o ponto extremo de uma escala, mas um ponto para além do ponto extremo da escala considerada. Por exemplo, uma sentença como (20b) não veicula a informação de que o sujeito possui a maior altura possível, mas que, considerando a escala esperada de *variação normal* de altura dos indivíduos, o sujeito está em grau *além* dessa escala.

A diferença entre o processo lexical e o processo ilocucionário de *ênfase* (escalar) diz respeito ao primeiro expressar um grau elevado ou máximo de uma escala introduzida por um minimizador ou maximizador; já o segundo expressa uma extensão, uma ampliação de uma escala "média" ou "normal".

Os processos de *ênfase* e *exclamação* se diferenciam, por sua vez, dos fenômenos de *foco* e de *destaque* por expressarem uma **intensificação no conteúdo** da proposição, enquanto os outros são usados para **pôr em evidência** determinados elementos que fazem parte da sentença. Um resumo da tipologia dos fenômenos expressivos discutidos até aqui pode ser visto no quadro 1 abaixo.

FUNÇÃO	FORMA	TIPOS	RÓTULO
Evidenciar constituintes da sentença	Recursos **morfossintáticos** de focalização de constituintes	Ex.: focalização, clivagem e marcação morfológica de foco	**Foco**
	Recursos **prosódicos** de focalização de constituintes	Ex.: atribuição de acento prosódico; foco *in situ*.	**Destaque**
Intensificar o conteúdo da proposição	Recursos **léxico-semânticos** de intensificação	Ex.: NPIs e PPIs com efeitos de minimalizadores e maximizadores	**Ênfase (escalar)**
	Recursos **ilocucionários** de intensificação	Ex.: sentenças exclamativas	**Exclamação**

Quadro 1: Tipologia dos fenômenos expressivos

De posse desse quadro geral dos fenômenos expressivos, é possível avaliar melhor o uso dos temos "ênfase" e "enfático" nos trabalhos de descrição linguística, de modo a verificar se tal uso se enquadra em algum desses tipos ou se simplesmente escapa de tal tipologia. Essa verificação não é um exercício esnobe, mas visa a verificar a falseabilidade de certas descrições e hipóteses de análise.

Ainda no caso de que a caracterização de "ênfase" não se encaixe em tal tipologia, podemos estar lidando com duas situações diferentes: (i) ou o fenômeno simplesmente não é enfático e o uso do termo é simplesmente gratuito; (ii) ou estamos diante de algum outro tipo de fenômeno expressivo, que precisa ser definido com maior precisão, de modo a aumentar o nosso conhecimento sobre a expressividade. Ou seja: esse esboço de tipologia não deve ser visto como uma tentativa de engessar a definição ou o uso do termo ênfase, mas como um esforço e provocação para um maior rigor no seu uso. Na próxima seção, discuto brevemente alguns casos cuja caracterização como enfáticos pode ser considerada problemática.

5. Casos problemáticos

A. O *do* enfático do inglês

Na literatura gerativista, um dos primeiros fenômenos caracterizados como enfáticos se encontra já no texto inaugural dessa corrente linguística. Chomsky (1957) descreve a transformação enfática, que, *grosso modo*, ocorre através da inserção do auxiliar *do* em sentenças afirmativas ou forma *don't* em negativas para gerar as sentenças em (23) (sempre com um stress adicional sobre o auxiliar), enfáticas em comparação com (24).

(23) a. We **DO** love you! b. We **DON'T** love you!

(24) a. We love you. b. We don't love you.

Independentemente da análise em termos transformacionais, sentenças de tais tipos são consideradas pacificamente como enfáticas na literatura linguística. Diante de nossa tipologia, podemos indagar: enfáticas em qual sentido?

Quanto ao tipo I, não há movimento de constituintes em (23), mas há a inserção de um elemento morfológico, que é dispensável ao menos na versão afirmativa. Seria isso um caso de ênfase por focalização? Mas a presença de partículas de foco tem a função de atribuir tal leitura a *outro* elemento da sentença e não à própria partícula. Nesse sentido, sobre que constituinte recairia o foco atribuído por *do*? Não é sobre o sujeito a antecede. Seria sobre o verbo principal que a segue?

Por outro lado, na ênfase negativa, o auxiliar *do* está presente mesmo na versão não-enfática (cf. (24b)). A ênfase não está, portanto, na partícula em si, mas no acento prosódico atribuído a ele. A estratégia, então, se enquadraria no tipo II, *destaque*? Nesse caso, a situação difere; o foco por prosódia não atribuído a um elemento distinto, mas sobre o próprio elemento que recebe o acento. Mas qual é o significado, nessas sentenças, do destaque dado ao verbo auxiliar? Há contextos em que destacar o auxiliar em oposição aos demais constituintes da sentença pode ter o efeito de contraste corretivo do tempo verbal de um evento (cf. (25)), mas não parece ser esse o caso nas sentenças com o *do* no presente.

(25) a. A: Você comprou um apartamento?
B: Eu **VOU** comprar um apartamento.

b. A: John told me he will quit his job.
B: John **DID** quit my job.

O tipo III deve ser descartado previamente, pois tais estruturas não envolvem a presença de maximizadores ou minimizadores. O tipo IV também parece ser excluído, pois tais exemplos não possuem a estrutura de sentenças exclamativas e não envolvem a ativação de alguma escala. Por outro lado, os exemplos em (23) parecem envolver algum tipo de intensificação do conteúdo proposicional da sentença ao invés de algum foco ou destaque sobre um constituinte específico. Em resumo, esse fenômeno não se enquadra exatamente em nenhum dos quatro tipos de ênfase, mas aproxima-se indiretamente do tipo IV.

Como, então, caracterizar esse tipo de fenômeno expressivo?

B. O *não* final do português

No domínio da negação sentencial, há vários fatos que são caracterizados como enfáticos. O primeiro deles é o muito bem conhecido ciclo de Jespersen, que descreve o surgimento de marcadores negativos pós-verbais a partir da gramaticalização de palavras e

expressões enfáticas. É o caso do *pas* do francês, que era um substantivo ('passo') que ocorria em frases negativas como complemento de verbos de movimento, reforçando o sentido negativo da sentença, mas se generalizou como segundo marcador negativo da língua. Esse processo enquadra-se perfeitamente no tipo III, por se tratar de um minimizador, usado para expressar o grau mínimo de uma escala, que assimilou o traço negativo do contexto.[13]

Uma situação bem diferente é a do marcador negativo pós-verbal[14] do português[15], considerado por alguns autores como tendo uma função intrinsecamente enfática (cf. Cunha 1996, 2001; Roncarati 1996; Lucchesi 2001; Biberauer & Cyrino 2009; dentre outros). Primeiro, é preciso apontar que, no PB (ao menos nos dialetos nordestinos), o *não* pós-verbal não é intrinsecamente enfático. É possível acrescentar uma prosódia mais intensa às sentenças com esse marcador, dando a elas um sabor enfático, mas isso é opcional e pode ocorrer inclusive em sentenças em que há apenas o *não* pré-verbal. Os exemplos em (26) não têm sabor enfático.

(26) a. Quero **não**, obrigado. b. Num lembro **não**.
c. Num teve aula **não**? d. (Ô, por favor,) num saia hoje **não**!

Por outro lado, é possível que no português europeu (PE), o *não* pós-verbal tenha de fato um valor enfático. Essa é a posição de Martins (2010), reforçada pelo fato de que, no PE, esse marcador tem uma distribuição muito mais restrita do que no PB. No PE, ele só pode ocorrer em sentenças declarativas matrizes, sendo excluídas em sentenças não-declarativas e em sentenças encaixadas, mesmo completivas. No PB, por outro lado, o *não* pós-verbal ocorre em declarativas, interrogativas (polares) e imperativas (cf. (26)) e, em encaixadas, ocorre pelo menos nas completivas. (27) seria é aceitável no PB, mas inaceitável no PE (cf. Martins 2010: 572; Cavalcante 2012: 60).

(27) O Pedro disse [que **não** vendeu o carro **não**]. PB: ok; PE: *

Considerando que o *não* final do PE (e talvez de dialetos sulistas do PB) seja enfático, fica a questão: que tipo de ênfase seria essa? Diferentemente do *pas* do francês antigo, o *não* final do português não é um NPI nem um minimizador; também não deriva etimologicamente de um minimizador, não expressando uma escala. Não se encaixa, portanto, no tipo III. Também não se encaixa no tipo II, pois no PE ele seria intrinsecamente enfático. Não se enquadra também no tipo I, pois nem há movimento nem marcação focal de outro constituinte adjacente. As sentenças com o padrão [Não VP não] parecem expressar uma intensificação do conteúdo negativo da proposição, com um sabor exclamativo, mas não são formalmente do tipo exclamativo e não envolvem a ativação de escalas. Como classificar, então, esse tipo de ênfase?

---

[13] O mesmo pode se dizer sobre o marcador *not*, do inglês, que deriva do nominal indefinido wiht ('coisa') modificado pela negação *ne* (*ne* + *wiht* = *naught* > *not*), que também funcionava como um minimizador com propriedades de NPIs. O caso do galês, analisado por Willis (2012), também é parecido, pois o marcador pós-verbal *dim* é derivado a partir de um indefinido *ddim*, que tinha originalmente o significado de 'coisa' (como o caso de *wiht*/*naught* do inglês) e era usado como um NPI com valor semelhante a *anything*, expressando, portanto, a menor quantidade possível para qualquer complemento verbal.

[14] Na verdade, pós-VP, pois, diferentemente do *pas* do francês, não ocorre entre o verbo e os complementos, mas ao final de todo o VP, após complementos e adjuntos, mesmo sentenciais.

[15] Outro ponto importante é que se assume, geralmente, que as estruturas com dois marcadores negativos [Não VP não] ou com um marcador apenas final [VP não] são exclusivas do PB, não existindo no PE. Tal suposição é equivocada, como mostra Martins (2010) (cf. também Cavalcante 2012: 56-60).

C. O *nada* não-argumental do PB

Se o *não* final do PB, diferentemente do equivalente no PE, não possui valor enfático intrínseco, existe outro item lexical que combina simultaneamente os traços de negação e de ênfase. Trata-se do quantificador negativo *nada*, usado com valor não-argumental, em sentenças como (28)-(30), nas quais, inclusive, dispensa a presença do não- pré-verbal.

(28) A: Ele fez o trabalho que eu pedi?
B: Fez (o trabalho) **nada**!

(29) A: Você fala muito palavrão!
B: Falo (palavrão) **nada**!

Uma caracterização completa das propriedades sintáticas desse item foge ao escopo e às limitações de espaço deste trabalho, mas o essencial é: (i) a interpretação de maior expressividade nessas sentenças é clara e pacífica; (ii) o **nada** não-argumental pode ocorrer apenas em sentenças declarativas matrizes, sendo excluído em interrogativas, imperativas e em declarativas encaixadas; (iii) assim, difere do *não* final do PB e se comporta como o *não* final (enfático) do PE.[16]

Em resumo, se o *não* final do PB não deve ser considerado enfático e, portanto, está fora das questões sobre a tipologia da ênfase, o *não* final do PE e o *nada* não-argumental possuem claramente um valor mais expressivo, que, de modo semelhante às sentenças com *do* ou *don't* enfáticos do inglês, não se encaixa na tipologia apresentada neste artigo. Os três casos têm em comum uma interpretação de maior expressividade e maior intensidade na sentença, mas sem o destaque sobre algum constituinte específico (por oposição aos demais) e sem a ativação de alguma escala.

É preciso reconhecer, portanto, a possibilidade de existência de outro tipo de fenômeno expressivo, que está ligado a uma ênfase recaindo ou sobre o valor de verdade da sentença ou expressando um maior comprometimento do falante para com esse valor de verdade. Nossa tipologia dos processos expressivos nas línguas deve, então, ser atualizada para incluir esses processos, que podemos chamar temporariamente de **pseudo-exclamação**. Esse quinto tipo ainda precisa ser mais bem caracterizado. O que foi exposto aqui teve o objetivo de mostrar como essa tipologia proposta deve estar aberta à atualização através do confronto com novos dados.

FUNÇÃO	FORMA	TIPOS	RÓTULO
Evidenciar constituintes da sentença	Recursos **morfossintáticos** de focalização de constituintes	Ex.: focalização, clivagem e marcação morfológica de foco	**Foco**
	Recursos **prosódicos** de focalização de constituintes	Ex.: atribuição de acento prosódico; foco *in situ*.	**Destaque**
Intensificar o conteúdo da proposição	Recursos **léxico-semânticos** de intensificação	Ex.: NPIs e PPIs com efeitos de minimalizadores e maximizadores	**Ênfase (escalar)**
	Recursos **ilocucionários** de intensificação	Ex.: sentenças exclamativas	**Exclamação**
Expressar comprometimento do falante com a asserção	Recursos **mistos**.	Ex.: afirmação e negação por marcadores enfáticos.	**Pseudo-exclamação**

Quadro 2: Tipologia expandida dos fenômenos expressivos

[16] Acrescente-se que esse uso enfático e não-argumental do quantificador *nada* como um marcador negativo também ocorre no PE e no espanhol platense, embora com algumas diferenças. No espanhol, ele não dispensa, mas requer a presença do marcador negativo pré-verbal. E tanto no espanhol quanto no PE, sua posição é imediatamente pós-verbal, precedendo os complementos verbais, enquanto no PB ele é sempre pós-VP. Cf. Pinto (2010), Di Tullio (2009) e Cavalcante (2012).

6. Considerações finais

Neste trabalho, apresentei um esboço de uma tipologia dos processos expressivos nas línguas humanas, com base no levantamento e análise crítica dos processos gramaticais denominados imprecisamente de ênfase. Ao invés de propor um termo genérico e, consequentemente, vago o suficiente para abarcar todos os processos rotulados (correta ou incorretamente de enfáticos), identifiquei cinco fenômenos distintos, que possuem finalidades e mecanismos de realização diferentes. Eles podem, a priori, ser agrupado segundo três objetivos gerais, a saber: (i) evidenciar algum constituinte da sentença em oposição a outros; (ii) intensificar o conteúdo proposicional da sentença; (iii) expressar um alto grau de comprometimento do falante com o valor de verdade da sentença.

A contribuição desse trabalho é fornecer um recurso para compreender melhor os processos de ênfase e evitar a imprecisão e a falta de rigor com que o termo tem sido geralmente utilizado na literatura linguística.

Essa tipologia pretende ser exaustiva, mas não ingênua. Admite-se, de antemão, a possibilidade de identificação de tipos de fenômenos que não se encaixem nesses já listados.

Referências

BELLETTI, Adriana. (1999). Inversion as Focalization and Related Questions. *Catalan Working Papers in Linguistics 7*: 9-45.

BELLETTI, Adriana. (2002). Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. *The structure of IP and CP*. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2. Oxford University Press.

BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. (2009). *Negative developments in Afrikaans and Brazilian Portuguese*. 19th Colloquium on Generative Grammar, 1 a 3 de abril de 2009, Universidade do País Basco, Espanha.

CANN, Ronnie. (1993). Formal Semantics: an introduction. Cambrigde.

CASTELEIRO, João Malaca. (1979). Sintaxe e semântica das construções enfáticas com "é que". *Boletim de Filologia 25* (1976/79). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade. p. 97-166.

CAVALCANTE, Rerisson. (2012). *Negação anafórica no português brasileiro*: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado.

CHOMSKY, Noam. (1957). *Syntactic Structures*. Mouton & Co.

CUNHA, M. A. Furtado da. (1996). Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). *Gramaticalização no portugues do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 167- 189.

CUNHA, M. A. Furtado da. (2001). O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30.

DI TULLIO, Ángela L. (2009). Palabras negativas en contexto enfático: nada, ningún. [não publicado]

ELLIOTT, Dale E. (1974). Toward a grammar of exclamations. *Foundations of Language 11*. p. 231–246.

FONSECA, Joaquim. (1985). Sintaxe, semântica e pragmática das construções emblemáticas e estruturas aparentadas. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, 02*. Universidade do Porto. p. 213-250.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. (1998). Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun.

1998.
GONÇALVES, Carlos Alexandre. (1999). O Fenômeno da Focalização e a Interface Fonologia-Sintaxe. *DELTA*, São Paulo , v. 15, n. 2.
GRIMSHAW, Jane. (1979). Complement selection and the lexicon. *Linguistic Inquiry 10 (2)*. p. 279–326.
ISRAEL, Michael. (1996). Polarity Sensitivity as Lexical Semantics. *Linguistics and Philosophy 19*. p. 619-666.
ISRAEL, Michael. (1998). *The Rhetoric of Grammar*: Scalar Reasoning and Polarity Sensitivity. PhD dissertation, Linguistics Department, U.C. San Diego.
ISRAEL, Michael. (2001). Minimizers, Maximizers, and the Rhetoric of Scalar Reasoning. In: *Journal of Semantics 18 (4)*: p. 297-331.
LASNIK, Howard. (1972). *Analysis of negation in English*. Massachusetts Institute of Tecnology. Tese de Doutorado.
MARTINS, Ana Maria. (2010). Negação metalinguística (lá, cá e agora). In: BRITO, Ana Maria. (ed.). *Actas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. p. 567-587.
MODESTO, Marcello. (2001). *As construções clivadas no português do Brasil*: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. Humanitas: São Paulo.
PINTO, Carlos Felipe da Conceição. (2008). *Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual*. Universidade Federal da Bahia. Dissertação de mestrado.
PINTO, Clara. (2010). *Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu*. Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
RONCARATI, Cláudia. (1996). A negação no português falado. IN: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (orgs). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-112.
ROSS, Haj. (2004). The syntax of emphasis – a base camp. In: LECLERE, Christian; LAPORTE, Eric; PIOT, Mireille & SILBERZTEIN, Max. (eds.). *Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire: Hommage à Maurice Gross / Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar: Papers in Honour of Maurice Gross*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 547-559.
SÁNCHEZ, Liliana. (2010). *The Morphology and Syntax of Topic and Focus*: Minimalist inquiries in the Quechua periphery. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
SCHWENTER, Scott. (2005). The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua 115 (10)*, p. 1427-1456.
STORTO. Luciana R. (2008). Marcação de concordância absolutiva em algumas construções sintáticas em Karitiana. *Amerindia nº 32*. v. 32, Paris. p. 183-203.
WILLIS, David. (2012). A minimalist approach to Jespersen's Cycle in Welsh. In: JONAS, Dianne; WHITMAN, John; GARRETT, Andrew. (eds.). *Grammatical Change*: Origins, Nature, Outcomes. Oxford: Oxford University Press.
ZANUTTINI, Raffaella. PORTNER. Paul. (2003) Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. *Language*, vol.79, n.1, março de 2003, p. 39-81.
ZIMMERMANN, Malte. (2008). Contrastive Focus and Emphasis. *Acta Linguistica Hungarica 55*, p. 347-360.